

# A Língua Portuguesa como Utopia: Agostinho da Silva e o Ideal da Comunidade Lusófona

Adriano de Freixo\*

Em julho de 1996 – há exatamente onze anos – era criada oficialmente a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP –, em uma Cimeira realizada em Lisboa que reuniu os Chefes de Estado e de Governo dos sete países – Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe – que então adotavam o português como idioma oficial. A articulação efetiva desta organização internacional representou a concretização do velho ideal da construção de uma “Comunidade Lusófona” presente, pelo menos, desde o final do século XIX e revivido reiteradas vezes ao longo do século XX.

No entanto, foi a partir da segunda metade do século passado – quando diversos intelectuais brasileiros e, principalmente, portugueses começaram a pensar na constituição dessa comunidade, sob diferentes perspectivas – que esta idéia começou efetivamente a ganhar força:

*A CPLP é uma visão de caráter mais ou menos utópico, a partir da década de 50, teorizada por intelectuais da craveira de Agostinho da Silva, Gilberto Freyre, Joaquim Barradas de Carvalho, Adriano Moreira, Darcy Ribeiro, entre outros. Era o sonho que então se designava por Comunidade Luso-Afro-Brasileira.<sup>1</sup>*

Porém, embora a concretização da criação da CPLP se deva muito à atuação de um brasileiro – José Aparecido de Oliveira, Embaixador em Lisboa durante o governo de Itamar Franco (1992-1994) –, foi o Estado português o

---

\* Doutorando em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Coordenador do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Metodista Bennett. É Mestre em História Política pela UERJ. Organizou, juntamente com Oswaldo Munteal Filho, os livros *A Ditadura em Debate: Estado e Sociedade nos Anos do Autoritarismo* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005) e *O Brasil de João Goulart: Um Projeto de Nação* (Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-Rio, 2006).

grande incentivador de sua criação. É importante ressaltar que, na década de 1980, setores da elite política portuguesa – notadamente do Partido Socialista – e da intelectualidade progressista encamparam o ideal da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e que, nesse momento, se procurou construir um consenso nacional em torno da sua construção, através da idéia da “lusofonia”, uma releitura, em novos parâmetros, do discurso secular da originalidade da cultura portuguesa e das marcas que ela deixou no mundo, a partir das grandes navegações dos séculos XV e XVI.

Deste modo, era necessário referendar esse discurso buscando em experiências passadas ou em escritos de intelectuais e pensadores bastante distintos entre si os elementos necessários para o processo de legitimação dessa Comunidade, então em processo de gestação. Isso ocorre na perspectiva da “invenção de tradições” explicitada por E. Hobsbawm e T. Ranger, no momento em que Portugal ensaia o seu “retorno à África” depois de quase uma década de esquecimento. Esses autores, ao analisarem as “tradições inventadas”, afirmam que elas parecem classificar-se em três categorias superpostas:

- a) *aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.*<sup>2</sup>

No entanto, como os mesmos autores deixam claro, mesmo as tradições inventadas devem possuir respaldo social, senão não conseguiriam sobreviver.<sup>3</sup> Assim, a idéia da Comunidade Lusófona busca apoio em elementos bastante presentes no imaginário social português, desde a percepção de que aquela pequena nação teria desempenhado um papel singular na História do Mundo Ocidental até o velho, e sempre presente, sonho imperial.

O resgate dessas questões foi essencial para a construção do discurso que procura legitimar a constituição de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa, visto que, como argumenta Enilde Fausltich, um dos pontos de vista possíveis para se apreender o conceito de lusofonia é aquele que:

*(...) localiza em todos os portos tocados pelos portugueses, nos quais a língua foi disseminada, como espaço de lusofonia. Nestes, os sujeitos são identitários de uma cultura ibérica que, em maior ou menor grau, formou a cidadania do Estado-nação.*<sup>4</sup>

Assim, a obra de diversos dentre esses intelectuais começou a ser resgatada e relida, dentro da perspectiva de legitimação do discurso da lusofonia e da CPLP que então estava sendo articulada. Nesse contexto, alguns deles são lembrados – nos discursos oficiais e na produção intelectual do período – como “pais-fundadores” da nascente Comunidade, os visionários que teriam antevisto a integração do mundo lusófono e formulado as suas bases teóricas e – por que não dizer – ideológicas.<sup>5</sup> Dentre eles, destaca-se a figura de Agostinho da Silva (1906-1994), um dos mais originais pensadores portugueses do século XX.

Freqüentemente citado em discursos e mesmo em documentos oficiais como um dos inspiradores da CPLP, Agostinho da Silva – “misto de educador, filósofo e pensador, considerado como uma espécie de guia espiritual de parte da intelectualidade brasileira e portuguesa deste século”<sup>6</sup> – formulou a concepção de uma “Comunidade Luso-Afro-Brasileira” bastante original e pessoal refletindo uma visão de caráter universalista, místico, visionário, espiritualista, mítico e messiânico que remonta aos escritos de Joaquim de Fiore – na Idade Média – sobre o “Reino do Espírito” e os do P.<sup>e</sup> António Vieira sobre o “Quinto Império”. Para ele, Portugal, responsável pelo início do processo de mundialização, carregaria uma missão histórico-messiânica: a de ser o responsável pela paz mundial devido aos laços constituídos por ele, no passado, com os diversos povos do mundo, pois “se, no passado, Portugal unificou o mar, sua tarefa futura será a unificação do mundo pelo espírito, pela língua, constituindo-se a nação portuguesa como a pátria virtual de quantos a falam”,<sup>7</sup> entendendo, assim, esse *Portugal* como, acima de tudo, a língua portuguesa e seus valores e não mais o *Portugal-Território* preso aos limites de suas fronteiras geográficas.<sup>8</sup> Dessa maneira, essa “missão” concretizar-se-ia através de uma Comunidade de Língua Portuguesa em que Portugal se sacrificaria, enquanto nação, para ser só mais um dos elementos componentes dessa Comunidade que marcaria o início de uma nova era:

*A Comunidade Luso-Brasileira tem de ser, quando existir, não outra qualquer espécie de Império, uma força concorrendo com outras forças, uma outra centralização que siga a monótona corrente das centralizações, mas realmente o começo de uma vida nova para a Humanidade, o primeiro passo seguro para a reconquista de um Paraíso que só tem estado em espírito de teólogos ou de filósofos ou de poetas, mas que jamais entrou nas cogitações de políticos; a linha mística e religiosa tem de ser aqui mais importante do que as argúcias dos realistas que manejam homens como se eles não fossem à imagem e semelhança de Deus: e nenhuma economia, nenhuma sociologia, nenhum ato huma-*

*no verdadeiramente criador tem de ser considerado senão como o sinal, a manifestação e a indicação de que está na vontade divina, na própria estrutura do evoluir no mundo, que ele siga pelos caminhos a que a Comunidade o pode dirigir.*<sup>9</sup>

Crítico dos sistemas políticos contemporâneos, Agostinho da Silva definia o capitalismo como uma fatalidade histórica da qual os homens deveriam libertar-se e considerava o socialismo – apesar de melhor do que o seu sistema antagônico – imperfeito. Para ele, um dia “tanto o capitalismo como o socialismo desaparecerão da face do mundo, já que a revolução que se aproxima, de base tecnológica, determinará a supressão quase completa do trabalho obrigatório. Essa ocupação passará a ser desempenhada pelas máquinas, voltando o homem à sua verdadeira vocação”.<sup>10</sup> O mundo novo com o qual ele sonhava consistia na “expressão crescente de homens seguros de que é possível, pela técnica, garantir vida e acesso aos bens da cultura a todos; homens abertos ao amor e a ação”.<sup>11</sup>

Nesta nova era, a língua portuguesa desempenharia um papel fundamental por ser falada em todas as partes do globo e representar o símbolo da expansão portuguesa que lançou as bases da construção do “novo mundo”, do “Reino do Espírito”. Nesta nova ordem, o Brasil teria um papel fundamental, pois traria em si os elementos do verdadeiro Portugal, aquele Portugal arcaico que se perdeu com o fracasso histórico da nação. Para ele, em sua utopia, o Brasil é a concretização do sonho do Quinto Império, é a *Ilha dos Amores* de Camões, o *Não-Lugar* capaz de ser o centro de uma nova civilização por ser o ponto de encontro de diversas culturas, onde a miscigenação favoreceu a tolerância e a moderação. O significado do Brasil para Agostinho da Silva é bastante perceptível quando ele descreve os seus sentimentos e impressões ao chegar ao país, fugindo do obscurantismo salazarista:

*Então ao chegar ao Brasil, logo várias coisas foram sucedendo. A primeira, talvez, foi a que me encontrei a mim próprio; de repente, descobri-me, sem que houvesse qualquer ato voluntário: (...) eu me deixei levar por aquilo que despertava em mim ou que, parecendo vir de fora, efetivamente, me batia à porta para que eu abrisse. (...) me deixei abrir, me deixei ser o que eu próprio na realidade era (...). Afinal, o que era? Eu como que dei um pulo atrás de mim próprio e fui inserir-me no século XV (...), e sentir o mesmo que sentiram os portugueses idos em direção à África para fugirem do regime econômico, social e religioso de Portugal ou que depois se estabeleceram no Brasil. Quer dizer, o que o*

*Brasil fez comigo, logo que lá desembarquei, foi fazer-me dar um pulo como se tivesse pisado uma mola no chão, para ir cair aí pelo século XV ou XVI. (...) Portanto, a primeira coisa que apontaria na minha estada no Brasil foi a abertura de mim próprio, eu fui outro. (...) O segundo ponto foi o de descobrir no Brasil aquele Portugal que eu precisava compreender, aquele Portugal que nunca mais me desapareceu do espírito, e que hoje permanece nítido.<sup>12</sup>*

Dessa forma, o verdadeiro Portugal, o Portugal real, concretizar-se-ia nesta comunidade em que a verdadeira pátria de todos os povos lusófonos – brasileiros, portugueses, moçambicanos, guineenses, cabo-verdianos, timorenses e demais – seria a língua portuguesa, o idioma universal, por excelência.

Sem exercer uma militância política direta no Brasil, além de articular-se com o grupo de intelectuais portugueses aqui exilados, Agostinho da Silva ocupou o cargo de Assessor de Política Cultural Externa da Presidência da República, no início dos anos de 1960. Neste período, estabeleceu uma sólida relação de amizade com políticos e intelectuais brasileiros como Darcy Ribeiro – sobre quem exerceu grande influência – e José Aparecido de Oliveira, que chega a afirmar que “a Política Externa Independente de Jânio Quadros, com sua inclinação para a África e para a Ásia, teve em Agostinho da Silva um de seus inspiradores”.<sup>13</sup> Essa afirmação é feita, sem sombra de dúvidas, porque na nova “ordem mundial”, pensada por Agostinho da Silva, países como o Brasil, o México e a China deveriam desempenhar um papel fundamental, visto que, em sua concepção, a crise do nosso tempo é a crise da civilização européia – e, por extensão, da civilização ocidental – racional e materialista. Assim, o Brasil, lugar por excelência da fusão de etnias e culturas, seria o pólo do “Reino do Espírito” e deveria buscar o “diálogo” com o Oriente – em especial com a China – para abrir caminho para uma nova “idade do ouro” para a humanidade.

Retornando a Portugal, continuou com uma intensa produção intelectual, além de desenvolver outras atividades, como, por exemplo, a apresentação de um programa de televisão intitulado “Conversas Vadias”, uma ilha de inteligência em meio à mesmice televisiva. Além disso, na década de 1980, tornou-se Diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Técnica de Lisboa e do Gabinete de Apoio do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa do Ministério da Educação, além de continuar a proferir palestras e conferências em diversas partes do mundo, sempre difundindo a cultura portuguesa e os ideais pelos quais lutou ao longo de sua vida. Em 1994, morreu em Lisboa aos 88 anos de idade deixando centenas de discípulos – seduzidos por suas idéias, onde a cultura e a civilização

portuguesas aparecem com um papel da maior importância na realização do homem em sua totalidade – que se articulam em torno de instituições como a Associação Agostinho da Silva e o Círculo dos Amigos de Agostinho.

Portanto, se realmente podemos falar em “pais-fundadores” da CPLP, Agostinho da Silva é um dos mais importantes – ao lado de Gilberto Freyre – dentre eles. Arauto do “Quinto Império”, que se concretizaria através da Língua Portuguesa – um império sem imperadores, no sentido estrito do termo –, ele imagina o reinado da fraternidade universal, onde a humanidade atingiria a sua plenitude, mesclando a liberdade com o bem-estar econômico e social. Até que ponto a CPLP – a “Comunidade Lusófona” efetivamente existente – pode contribuir para a concretização dessa utopia é algo passível de inúmeros questionamentos; porém, sem sombra de dúvida, é um belo sonho a ser sonhado. E como diz uma conhecida canção portuguesa “(...) sempre que um homem sonha/o mundo pula e avança/como bola colorida/ entre as mãos de uma criança”.<sup>14</sup>

## Notas

- 1 BRAGA, José Alberto (Coord.). *José Aparecido: o homem que cravou uma lança na lua*. Lisboa: Trinova Editora, 1999, p. 37.
- 2 HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 2ª ed, p. 17.
- 3 *Idem*. p. 272.
- 4 FAULSTICH, Enilde. “CPLP: um lugar de falas múltiplas”. In: SARAIVA, José Flávio (Org.). *CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. Brasília: IBRI, 2001, p. 118.
- 5 Utilizamos aqui a concepção de “Ideologia” formulada por Antonio Gramsci. Nesse sentido, a ideologia deve ser entendida como um discurso que justifica/explica, simbolicamente, as práticas dos diversos grupos sociais; sendo assim, não podemos considerá-la como “falseamento do real”, mas como “(...) uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas (...)”. In: GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 8ª ed., p.16.
- 6 RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. “À Volta da Comunidade: formações luso-brasileiras em colóquio”. In: SANTOS, Gilda (Org). *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces – revista Convergência Lusíada*, nº 17 (Número Especial). Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2000, pp. 246-7.
- 7 VARELA, Maria Helena. “O Visionário Agostinho da Silva: Sofia e Paradoxia”. In: *Convergência Lusíada*, nº 16. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1999, pp. 88-89.
- 8 CESAR, Constança Marcondes. “Entre o Oriente e o Ocidente: Agostinho da Silva”. In: *Convergência Lusíada*, nº 14. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1997, p. 90.
- 9 Trecho da comunicação “Condições e missão da comunidade luso-brasileira”, proferida por Agostinho da Silva no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros promovido, em 1959, pela Universidade da Bahia e pela UNESCO, citado pela: RIBEIRO, Maria de Fátima Maia., *op. cit.*, p. 247.
- 10 BRAGA, José Alberto. *Op. cit.*, pp. 31-32.

11 CESAR, Constança Marcondes. *Op. cit.*, p. 91.

12 SILVA, Agostinho da. *Vida conversável*. Brasília: Núcleo de Estudos Portugueses; CEAM/UnB, 1994. Organização e prefácio de Henryk Siewierski, pp. 86-88 e 101.

13 BRAGA, José Alberto. *Op. cit.* p. 33.

14 “Pedra Filosofal”. António Gedeão e Manuel Freire.

## Resumo

A partir da década de 1980, a constituição de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa tornou-se uma das questões centrais da política externa do Estado português, ao mesmo tempo em que amplos setores da sociedade daquele país eram mobilizados em torno do discurso da lusofonia. Nesse processo, as idéias de alguns intelectuais que desenvolveram diferentes visões de uma “Comunidade Lusófona” ao longo do século XX foram resgatadas dentro da perspectiva de legitimação da atual CPLP que então estava sendo criada. Dentre eles destaca-se a figura de Agostinho da Silva, um dos mais originais pensadores portugueses do último século, que é comumente lembrado como um dos “pais-fundadores” dessa Comunidade e que desenvolveu em diversas de suas obras uma concepção bastante original do que ela deveria ser e de qual papel poderia desempenhar na ordem mundial contemporânea.

**Palavras-chaves:** Lusofonia; CPLP; Portugal; Agostinho da Silva.

## Abstract

Since the 1980's decade, the creation of a Community of Portuguese Language Countries (CPLP) became one of the main concerns of Portugal's foreign policy. Concurrently, vast sectors of the Portuguese society became involved in the debate about Lusophony. In this process, in order to legitimate the CPLP that was then being created, the ideas of some intellectuals who developed various concepts of a “Portuguese-Speaking Community” throughout the twentieth century were recovered. Among those intellectuals stands Agostinho da Silva, one of the most original Portuguese thinkers of the last century. Usually remembered as one of the “founding fathers” of the Community, he developed in several of his works a rather original concept of what the Community should be and what role it could perform in the contemporary world order.

**Keywords:** Lusophony; CPLP; Portugal; Agostinho da Silva.